

MEMÓRIAS DE UM HOMOSSEXUAL ACERCA DAS DIFICULDADES DE ACEITAÇÃO

Scarlett Ohara Costa Carvalho
Lia Machado Fiúza Fialho
Lourdes Rafaella Santos Florencio

Introdução

O objetivo do trabalho é biografar a vida de Pedro¹, um homossexual que vivenciou dificuldades de aceitação pessoal por questões de gênero. Inserido em uma cultura socialmente instituída que diferencia padrões de comportamento em decorrência do sexo (LOURO, 1997), Pedro elaborou uma imagem negativa de si por não se adequar aos comportamentos “normalizados”. Para Erik Erikson (1976), muitos jovens acabam assumindo essa identidade negativa como uma defesa aos padrões culturais, excessivamente, regidos pela sociedade.

Sua trajetória lança luz acerca da discussão de gênero à medida que questiona ideologias e preconceitos transmitidos ao longo de várias gerações. Por intermédio da metodologia da história oral biográfica (MEIHY, RIBEIRO, 2011), foi realizada entrevista, pura e híbrida, gravada, transcrita, transcriada e validada em julho de 2013, possibilitando a análise biográfica nas suas interfaces com o contexto sociocultural (FERREIRA, AMADO, 2006). As narrativas orais permitiram compreender a trajetória de vida de um homossexual, perpassando por conflitos pessoais, a saber: depressão, contrariedade familiar, aceitação de si e afirmação pessoal.

Esta biografia não centra foco em personalidades ou grandes feitos, mas permite visibilidade a um indivíduo co-

¹ Nome fictício, utilizado para preservar a identidade do entrevistado.

mum, sujeito histórico, que não desfruta da devida visibilidade na narrativa histórica, por vivenciar dilemas aparentemente corriqueiros, de quem não se adapta ao disciplinamento dos corpos (FOUCAULT, 2009) e aos padrões comportamentais instituídos. Leva-nos a refletir sobre a equidade de gênero, bem como os distintos discursos elaborados por diferentes representações culturais, e se faz pertinente proporcionar oportunidade de refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que a cultura da sociedade impõe para a sexualidade.

Sabe-se que, desde o início deste século, os estudos acerca da problemática de gênero têm contribuído significativamente para a profundidade teórica reflexiva, possibilitando entender as transformações constitutivas de relacionamentos e estilos de vida em uma determinada época. Segundo Butler (2003), na maioria das teorias feministas o sexo é aceito como substância, como aquilo que é idêntico a si mesmo, em uma proposição metafísica. Para a autora, a posição feminista humanista entende gênero como “atributo” de pessoa, “caracterizada essencialmente como uma substância ou um ‘núcleo’ de gênero preestabelecido, denominado pessoa.” (p. 29). O que Butler argumentou, com efeito, foi que, ao contrário do que defendiam as teorias feministas, o gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo, “mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” (p. 29).

“Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta.” (HARAWAY, 1995, p. 221). Nesta vertente, o conceito de gênero problematiza tanto noções essencialistas que remetem a modos de ser e de sentir, quanto a noções biologicistas de corpo, sexo e sexualidade, e disso resultam importantes

mudanças epistemológicas e políticas para quem atua nesses movimentos sociais e campos de estudos (LOURO, 1997).

A sexualidade, nas relações de gênero e nas práticas culturais, tem sido problematizada por intermédio de reflexões que se inscrevem em linguagens culturais diferenciadas, tendo em vista a diversificação das práticas e discursos em que se produzem possibilidades de subjetivação. O conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último refere-se às diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. Isso significa que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sociocultural. Como afirma Butler (2003), o gênero é uma construção histórica, social e assimétrica, pois não há uma essência biológica, metafísica ou psíquica do que é ser homem ou mulher.

A abordagem de gênero possibilitou a discussão das relações de poder entre homens e mulheres e explicitou a construção da desigualdade entre eles na história das sociedades ocidentais. Hoje, há uma notória quebra da discrepância que destinava os homens ao domínio público e as mulheres ao domínio doméstico, direcionando a necessidade de se discutir as questões de gênero, já que as relações de poder são inerentes a elas, e todas as relações sociais sofrem transformações constantes e contínuas ao longo da história.

Percurso Investigativo

Inscrito na abordagem da Nova História Cultural, o estudo em questão permite não apenas visitar um determinado movimento histórico e social de uma época, através



da configuração da atmosfera da respectiva sociedade, mas também resgatar, historicamente, relato individual que possibilita problematizar paradigmas e refletir questões intrínsecas a vida social.

Utilizamos a metodologia da história oral como uma possibilidade viável para adentrar o eu do outro, compreender nuances subjetivas, e perceber aspectos que outras técnicas não conseguem trazer à tona com a mesma propriedade. Sabe-se que a história de vida oral temática utiliza, por excelência, o exercício da rememoração e verbalização de acontecimentos pessoais. E esta, por sua vez, se caracteriza por lembranças e esquecimentos naturais ou propositais, contados, muitas vezes, de maneira narrativa, ao interlocutor. Logo, não houve ambição de encontrar verdades absolutas, mas, ao contrário devolver aos leitores, a imagem de mundo que reside no entrevistado, dando luz às experiências concretas vivenciadas, sob a óptica do pesquisado; mas cuidadosamente analisadas no confronto de informações, objetivando desvelar a epistemologia de um ser.

Pedro foi escolhido como sujeito da pesquisa, por ser uma pessoa próxima dos pesquisadores, possuir uma trajetória singular e mostrar-se interessado na temática abordada: gênero e práticas culturais. Ensejar ao Pedro as narrativas de si tornou possível a tentativa de compreender a possibilidade de reprodução das histórias formuladas sobre ele, avaliando se os significados presentes nos discursos oficiais influenciaram na sua autoimagem e na maneira como ele percebe a experiência homossexual. Com base na trajetória oral, revelada na história oral temática, questionamos as generalizações históricas.

O desvelamento das histórias de vida do participante da pesquisa por meio do relato oral permitiu tecer a trama histórica da vida do investigado, mediante as suas próprias lentes,

percebendo não somente o indivíduo de maneira isolada e atemporal, mas como um ser “no mundo”, em pleno curso de uma trajetória interligada por uma realidade sociocultural complexa.

Delory-Monberger (2008) afirma, sabiamente, que a individualização e a socialização se mostram inseparáveis e, consecutivamente, constituem faces de uma mesma realidade abordada pelas pesquisas que envolvem história de vida. Dessa maneira, as narrativas representam não apenas uma trajetória fixa e linear, mas também caminham na contramão desse postulado, propondo realizar uma leitura dialética entre o indivíduo e o contexto social que o circunda, analisando as congruências e divergências que permeiam o caminhar do homossexual no desenrolar da vida social. Sobre esse campo teórico-metodológico, Machado *et. al* explicam que ele se encontra

[...] em processo de revigoramento nas ciências humanas e sociais. Ou seja, após longo combate dessa modalidade de produção histórica de cunho positivista, ganhou visibilidade a partir dos crescentes interesses por indivíduos, suas trajetórias e subjetividades, de forma mais acentuada, após a crise dos paradigmas do marxismo/estruturalismo. (2011, p.16).

Portanto, o relacionamento do pesquisador com o sujeito investigado, bem como o clima amistoso no ambiente físico em que se realiza o diálogo, interfere bastante na qualidade da conversa. Logo, importa reforçar o fato de que a afinidade desenvolvida no relacionamento com Pedro propiciou um clima amistoso, assegurando um clima de confiança e cumplicidade demasiadamente apropriado para uma boa coleta de informações.

Para a produção deste trabalho, utilizou-se entrevista aberta, previamente combinada e agendada com o entrevista-



do. A entrevista foi realizada na casa de Pedro, por opção dele, ambiente propício por ser tranquilo e ensejar maior liberdade. O entrevistado relatou com bastante clareza sua vida, desde sua infância, na companhia de seus pais, até os dias atuais, aos seus 35 anos de idade.

A gravação foi autorizada pelo entrevistado, que teve a oportunidade de ler a transcrição e validar a transcrição de sua narrativa. Em seguida, iniciamos a análise do discurso, à luz do referencial teórico, com o intuito de discutir as relações de gênero e compreender sua história, frente a um contexto social que nutre preconceitos e, por vezes, exclui as pessoas homossexuais.

De acordo com Veyne (1995), “a história não se constitui nem somente em fatos nem como a estrutura de um geometral, mas em tramas”. Os fatos escolhidos para serem narrados pelo pesquisador dependem da trama selecionada, dentro de uma série específica, e “essa escolha não pode descrever uma totalidade histórica, pois qualquer descrição é seletiva”. Logo, não há um sentido único, uma rota a ser traçada no campo factual, pois os acontecimentos não são totalidades, mas “núcleos de relações”. (VEYNE, 1995, P.32).

Esta biografia foi fruto de uma entrevista com um homossexual que hoje está com 35 anos de idade, contudo, foi narrada de maneira linear para melhor compreensão do leitor e não almeja contemplar análises macrossociais ou generalização.

Biografia de Pedro

Pedro, nosso entrevistado, nasceu em Limoeiro do Norte, mas residia em São João do Jaguaribe, Ceará. Quando criança, ele morava com seus pais e uma irmã, que é apenas um ano e meio mais nova que ele. Possui também um irmão

com quem não teve muito convívio, pois quando nasceu seu irmão 13 anos mais velho, foi morar em Fortaleza, Ceará. Sua relação com a família sempre foi complicada, pois ele tinha um pai muito “atrevido” que possuía muitos filhos fora do casamento, e uma mãe submissa que renunciava e, de certa forma, aceitava essa situação. Pedro conheceu seis desses irmãos, mas, ele acredita que haja mais.

Em relação à homossexualidade, hoje, ele conta que nunca a considerou como um mistério. Importa esclarecer que a palavra “homossexualidade” pode ser compreendida da seguinte forma:

Exprime tanto a ideia de semelhante, igual, análogo, ou seja, homólogo ou semelhante ao sexo que a pessoa almeja ter, como também significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo. (DIAS, 2000, p. 31).

Pedro relata que sempre se sentia diferente dos outros. Apesar de considerar sua vida sexual tardia, não houve surpresa na descoberta da homossexualidade porque havia certa inocência e não percebia, na sua época, a existência de rótulos, como afirma visualizar hoje em dia. Os sentimentos e os desejos sexuais começaram na puberdade, aproximadamente, aos 14 anos, sendo que ele não associava à questão homossexual, só foi perceber-se assim aos 19 anos.

Pedro foi morar em Fortaleza aos 16 anos de idade. E foi quando se interessou pelo primeiro rapaz, sua primeira paixão platônica, um aluno seu. Relata que hoje em dia, considera-se um pouco frustrado por não ter ido atrás dessa pessoa, comenta que foi a única pessoa por quem ele se interessou e não teve a coragem de investir numa relação, diz que quando quer algo vai até a última consequência. Comenta: “... era para eu ter ido até o fim, pra ver no que dava”.



Nesse período de mudança, descoberta de si, Pedro ficou com depressão, não queria se aceitar no início. Mas, depois, a “ficha caiu” e para ele não sofrer tanto, optou por se aceitar e enfrentar possíveis preconceitos, pois tinha plena convicção que era homossexual. Ainda ressalta que, nesse momento, a família dificultou o seu processo de aceitação e que morando longe foi mais fácil encarar seus sentimentos e se revelar ao público, tal como se concebia.

Ele comenta que nunca teve uma conversa com sua família para revelar ser homossexual, mas acreditava que todos já haviam percebido.

Assumi, definitivamente, sua homossexualidade aos 20 anos e foi quando começou, mais intensamente, o seu período de descobertas. Pois, a partir daí, encarou a revelação como um momento de afirmação. Desde então, passou a frequentar boates, vivenciar experiências sexuais, mudar suas vestimentas, estabelecer novos relacionamentos, deixar o cabelo crescer, passou a beber... Ele considerou toda essa mudança na sua vida necessária, importante no momento em que ele se encontrava.

No que se refere aos seus relacionamentos amorosos, afirma nunca ter tido relacionamentos longos. Atualmente tem um companheiro com quem se relaciona há 4 meses, um jovem de 21 anos, que foi seu aluno há alguns anos.

Sempre teve várias pessoas ao mesmo tempo, em geral, mais novas. Já namorou mulheres, mas nunca teve relações sexuais com o sexo oposto, não se sentia suficientemente atraído. Em relação a este fato, ele resume: “... *eu não funcionava!*”.

Relata que já chegou, inclusive, a pagar alguns caras para ficar com ele. Hoje ele associa isso à falta de amor próprio, mas no passado ele não sabia como proceder de maneira responsável aos seus desejos íntimos, já que era mais novo e imaturo. Pedro disse que tudo era decorrente do fato de que

ele não se amava e isso só mudou quando resolveu ser quem ele realmente era, um homossexual, e a se aceitar verdadeiramente nessa condição.

Como Pedro fugia do padrão que a sociedade impunha, ele não se sentia bem, porque se achava diferente. Possuía uma autoimagem negativa de si e por vezes questionava seus sentimentos e desejos. No tocante ao padrão ideal instituído para o homossexual, Pedro acrescenta: *“tem que ser alto, sarado, branco”*. *“No mundo gay, todos têm que ser bonito, para eles a beleza é algo fundamental, é um mundo superficial”*.

Goellner (2005) aponta que “atualmente o corpo ocupa lugar central na definição do sujeito: criar um corpo esbelto, sarado, é marcar uma identidade”. Como Pedro não possuía esses atributos, não se considerava interessante o suficiente para conquistar um relacionamento verdadeiro. Somente deixou de pagar os homens que saíam com ele, no momento em que ele percebia que aquilo não o fazia bem, era algo que não o saciava, era momentâneo, vazio; passando a se valorizar e gostar de si mesmo. Sobre isso, ele comenta: *“virava um vício, na hora era bom, mas depois ficava sozinho novamente. Isso só mudou quando resolvi mudar por dentro, pois me achava feio, e hoje em dia, eu já consigo trabalhar com isso”*.

Conforme Mattos e Ferreira (2004), as representações sociais atuam como organizadoras de condutas e comunicações sociais, relacionando-se à questão do conhecimento, além de exercerem influência sobre a configuração das identidades pessoais e sociais. Pedro afirma ter demorado a compreender que sua identidade pessoal não tinha que ser balizada pelo coletivo e esclarece:

Não há diferenças entre o mundo gay e o mundo hétero. Pois, as ansiedades são as mesmas, as angústias, os desejos e termina dizendo: “No fundo todo mundo quer um amor, mas ninguém



quer se dispor a amar”. Pois é algo que você muitas vezes tem que abdicar de muitas coisas, e tem que haver renúncias. E é muito difícil encontrar isso nos dias de hoje.

Comentando sobre sua vida acadêmica, Pedro diz que sempre gostou de estudar e relata um pouco suas experiências no ensino superior:

Aos 17 anos ingressei no ensino superior, cursei dois anos de Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Ceará - UFC, depois me transferei para Geologia. Na geologia fui um aluno profissional, só estudava, era bolsista no departamento de geologia do petróleo, me dedicava mesmo, sentia essa necessidade pelo machismo na sala de aula. Por ser um curso majoritariamente masculino, sempre fui bem reservado, mas era o aluno nota 10. Aos 25 anos, estava terminando geologia e tinha concluído o curso de inglês na casa de cultura, foi quando surgiu uma oportunidade para lecionar inglês em uma escola no município de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza. Nessa escola, lecionei por sete anos. A partir daí surgiu meu desejo em cursar Letras. Cursei Letras – Português / Inglês pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Ao falar do curso de Letras, confessa que não foi tão profissional quanto a outra graduação em Geologia, pois tinha que trabalhar e estudar. Explicita, também, que nesse período começou seu processo de autoafirmação e as festas, as bebidas e relacionamentos com homens casados atrapalharam um pouco sua dedicação ao curso de Letras. Contudo, foi com essa área que mais se identificou e traçou sua carreira profissional no magistério.

Atualmente é professor efetivo de uma escola estadual em Fortaleza e leciona português no ensino médio. Em relação à profissão, diz nunca ter sofrido preconceitos, nem por parte dos alunos e nem pelo corpo docente. Pois acredita que depois que o indivíduo se aceita como é e se mostra uma pes-

soa bacana, torna-se possível desenvolver relações sinceras. E termina afirmando que o mais difícil não foi conseguir respeito social independentemente de suas escolhas sexuais, mas se valorizar na condição de homossexual.

Últimas Palavras...

Procuramos, neste artigo, compreender melhor algumas questões no tocante a homossexualidade, e refletir algumas das diversas nuances que perpassam discussões acerca de gênero. Por intermédio de um relato biográfico, de uma pessoa comum, constatou-se que a sociedade regula e impõe regras de comportamento que interferem sobremaneira na sexualidade.

Os padrões socialmente instituídos para o sexo feminino e masculino, ainda na contemporaneidade, estabelecem comportamentos específicos. Os que não estão adequados a “normalização” sofrem inúmeros problemas, que estão para além do preconceito expresso em atitudes e palavras, porque ele permeia a cultura social e reprime, psicologicamente, os que destoam daquilo implicitamente esperado para o homem e a mulher. Desse modo, o intuito com esse estudo não foi solucionar impasses, mas proporcionar reflexões e debates que fomentam a desnaturalização de paradigmas.

Referências Bibliográficas

- BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DELORE – MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. Tradução Maria da Conceição Pesseggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN, 2008.
- DIAS, Maria Berenice (2000). *União homossexual: o preconceito & a justiça*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.



- ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge, Zahar, 1976.
- FERREIRA, M. e AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 37. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 28-40.
- HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinvencción de la naturaleza*. Manuel Talens. Valencia: Madrid: Ediciones Catedra, 1995.
- LOURO, Guacira. L. *Gênero, sexualidade e educação. Uma abordagem pósestruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MACHADO, C.J.S; VASCONCELOS JÚNIOR, R.E.P; VASCONCELOS, J. G. *O barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Revista Psicologia & Sociedade*. v. 16, n. 2. p. 47-58, maio-ago. 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VEYNE, P.M. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília (UnB), 1995.